



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

STEFANYA MARIA FERREIRA NEVES

**PRÁTICAS COMUNICACIONAIS POTENCIALIZADAS: A IMPORTÂNCIA DAS
REDES SOCIAIS NA ARTICULAÇÃO NAS MANIFESTAÇÕES**

Campina Grande-PB

Fevereiro, 2014

Stefanya Maria Ferreira Neves

**PRÁTICAS COMUNICACIONAIS POTENCIALIZADAS: A IMPORTÂNCIA DAS
REDES SOCIAIS NA ARTICULAÇÃO NAS MANIFESTAÇÕES**

Artigo Científico apresentado à disciplina TCC como exigência para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo) da Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora:

Professora Ma. Adriana Alves Rodrigues

Campina Grande-PB

Fevereiro, 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N511p Neves, Stefanya Maria Ferreira

Práticas comunicacionais potencializadas [manuscrito] : A importância das redes sociais na articulação nas manifestações / Stefanya Maria Ferreira Neves. - 2014.

26 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Prafa. Ma. Adriana Alves Rodrigues, Departamento de Comunicação Social".

1. Redes Sociais. 2. Ciberativismo. 3. Protestos. 4. Conversação. I. Título.

21. ed. CDD 004..693

Stefanya Maria Ferreira Neves

**PRÁTICAS COMUNICACIONAIS POTENCIALIZADAS: A IMPORTÂNCIA DAS
REDES SOCIAIS NA ARTICULAÇÃO NAS MANIFESTAÇÕES**

Aprovada em: 26 de Fevereiro de 2014

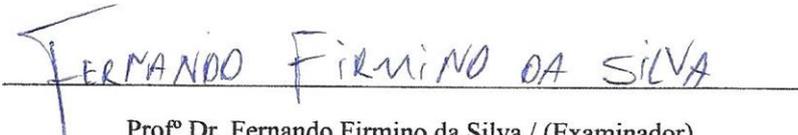
Nota: 10,0 (Dez)

BANCA EXAMINADORA



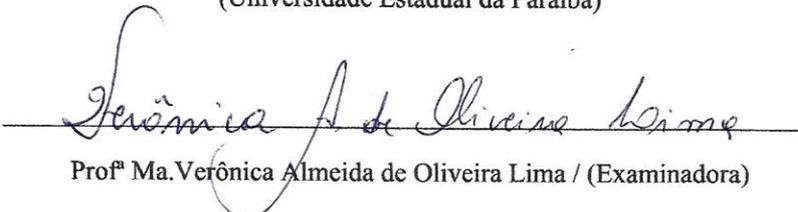
Prof^a Ma. Adriana Alves Rodrigues / (Orientadora)

(Universidade Estadual da Paraíba)



Prof^o Dr. Fernando Firmino da Silva / (Examinador)

(Universidade Estadual da Paraíba)



Prof^a Ma. Verônica Almeida de Oliveira Lima / (Examinadora)

(Universidade Estadual da Paraíba)

Campina Grande-PB

Fevereiro, 2014

Agradecimentos

Agradeço a Deus.

À minha mãe, Risalva Maria Silva Ferreira (Dona Risalva), que nunca questionou as minhas escolhas e sempre acreditou no meu potencial enquanto profissional e depositou sua fé em mim enquanto ser humano. Seu amor incondicional e sua dedicação na minha criação e na dos meus irmãos me fez acreditar que eu posso ter tudo na vida.

Aos meus irmãos Josehyres e Ricardo que sempre me apoiaram e me ajudaram quando foi preciso, e também a minha mais nova irmã Jéssica Kelli. Obrigada pela amizade!

A todos os professores que fizeram parte do meu trajeto e contribuíram de alguma forma para o meu crescimento. Em especial, gostaria de agradecer a Moisés Araújo e Fernando Firmino que me incentivaram durante essas quatro anos.

À Adriana Alves, minha orientadora, que com seu estilo e paciência, me fizeram acreditar no tempo como um aliado. Obrigada 'Drica', por não desistir de mim, por me esperar nos prazos de entrega do TCC, pelos ensinamentos, pelas fofocas e também pelo bom gosto musical.

A Carlos Júnior, que durante três anos suportou todos os momentos de estresse, os gritos, a falta de paciência, a chatice, a TMP, a falta de tempo, as minhas ladainhas e reclamações sobre a vida, o trabalho e tudo. Você sempre foi um excelente amigo ouvinte. Ah! Obrigada pela força em alguns trabalhos também.

Aos meus amigos que fiz na universidade. Faço menção a Jaime (Netão), Carmem, Gláucia, Giovanni, Flávia, Samuel, Érika, Lidiane, Thiago, Ana Claudia, Lourival, Bismarck, Larissa. Como também a parceria de Renato Hennys que sempre facilitou o trabalho enquanto funcionário da instituição.

Aos amigos que são mais chegados que irmãos Gilber Oliveira e Karlla Amanda, que diariamente me suportam, me amam e confiam em mim. Obrigada por acompanhar de perto, por não questionar, por existirem na minha vida.

À minha irmã que conheci na universidade: Mayara Medeiros. Deus te colocou no meu caminho por toda a eternidade. Você é amiga, irmã, anjo da guarda, cupido, confidente, colega de trabalho, parceira de festas, de doença etc. Nós somos muito diferentes em quase tudo e acho que é por isso que a gente dá tão certo. Amo-te!

Agradeço a todos do Sesc Paraíba e do Jornal da Paraíba que me receberam bem, que dividiram seus conhecimentos comigo e me deram oportunidade de mostrar o que amo

fazer: Jornalismo! Nesses ambientes conheci pessoas maravilhosas, tive alegrias e decepções. Obrigada.

A Magnus Menezes, que me contagiou desde o início com sua alegria fora do comum. Obrigada por todas as conversas, pelo apoio em situações difíceis, por tomar partido de mim. Sou grata pelos abraços apertados, pelas brincadeiras que sempre me arrancaram muitas risadas, pelos conselhos, por estar perto de mim mesmo não estando presente. Obrigada por me deixar fazer parte da sua vida e em retribuição fazer parte da minha. Grata por você gastar seu tempo ouvindo minhas reclamações, grata por você não me julgar e por incentivar meus sonhos.

À Ermaela, minha amiga, companheira de trabalho, pessoa que amo. Grata por sua gentileza, sua dedicação comigo, com meus planos. Agradeço pelas experiências, por todas as vezes que você riu e chorou comigo, por todas as vezes que nós gritamos sobre as coisas que vemos de errado. Obrigada por me defender, por acreditar no meu potencial e por dividir comigo seus conhecimentos. Você contribuiu efetivamente na minha graduação, me ajudou a conquistar o diploma e me deu forças para executar este trabalho.

Agradeço a todos que ainda cruzar os meus caminhos enquanto profissional e ser humano e irão contribuir de alguma forma na minha trajetória de vida.

*“Aqueles que não
fazem nada estão sempre
dispostos a criticar os que
fazem algo.”*

Oscar Wilde

PRÁTICAS COMUNICACIONAIS POTENCIALIZADAS: A IMPORTÂNCIA DAS REDES SOCIAIS NA ARTICULAÇÃO NAS MANIFESTAÇÕES

Stefanya Maria Ferreira NEVES¹
Adriana Alves RODRIGUES²

RESUMO

Este trabalho discute a importância das redes sociais enquanto ferramentas de interação, divulgação e articulação dos indivíduos nos protestos de Junho de 2013. Abordando as evoluções das práticas, o estudo compreende as redes sociais como um canal de discussão para o ciberativismo. Discute-se a comunicação mediada pelo computador, o conceito de conversação em rede, o ativismo e o papel das mídias sociais, bem como o surgimento de uma mídia independente dentro da rede. Com base em métodos de pesquisa desenvolvidos para internet o trabalho faz uma avaliação das conexões dos atores sociais, identificando a construção de laços e capital social dentro da *fanpage* do movimento Passe Livre São Paulo, no Facebook. Para chegar aos resultados foi feita uma análise dos comentários em relação às publicações da página, quanto ao conteúdo e ao grau de conexões.

Palavras- chave: Redes sociais; Ciberativismo; Protestos; Conversação

ABSTRACT

This paper aims at discussing the importance of social networking as tool of interaction and publicity as well as organization for the June 2013 protests. Considering the evolution of the communication techniques, this study interprets social networks as possible channels for Cyberactivism discourses. Yet it approaches communication as mediated by computer, the concept of network conversation, activism and its role in social Medias and the emergence of some sort of independent Media inside network. Based on researching methods developed for Internet, this work investigates the connection of social actors, identifying the construction of bounds and social capital in the Facebook fan page of the Passe Livre movement from São Paulo. The reached results came through analyzing the posts and comments in the web page, regarding its content and degree of connections.

Key-words: Social networking; Cyberactivism; Protests, Conversation

¹ Graduanda em Comunicação Social- hab. Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: stefanya.neves@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB e de Pós-graduação Lato Sensu em Jornalismo e Convergência Midiática da Faculdade Social da Bahia (FSBA) João Pessoa. Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas (linha cibercultura) pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. adrianacontemporanea@gmail.com

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. Perfis identitários e as apropriações de fala.....	12
3. Ciberativismo: a mediação das mídias sociais	14
4. O papel das mídias sociais.....	16
5. Pressuposto Metodológico.....	19
6. Resultados da análise	21
7. Considerações Finais	24
8. Referências	26

1. Introdução

O uso da internet e a vivência dos atores sociais dentro da rede reconfigurou as práticas comunicacionais tradicionais e vem alterando gradativamente o cotidiano dos indivíduos e a forma como eles interagem nesse ambiente. Nesse contexto, as redes sociais são significativas porque permitem que os sujeitos sociais se organizem discursivamente dentro da rede. As redes sociais fazem parte integrante do cotidiano dos indivíduos e são constituídas dos atores sociais e das conexões desses sujeitos conforme Raquel Recuero (2009). Essas conexões transformam a estrutura dos grupos de conversação online e influenciam nas formas de interação entre os atores sociais e na difusão de informações.

Estar conectado à rede gera um sentimento de pertencimento nos indivíduos que buscam se inserir cada vez mais dentro desses ambientes de interação social. Nessa perspectiva as redes sociais tem se mostrado o grande atrativo da internet porque através delas esses atores constroem laços sociais e desenvolvem uma inteligência coletiva a partir da troca de experiências e opiniões nesses ambientes de conversação. Atualmente, o Facebook é considerado uma das maiores redes sociais no mundo e uma ferramenta de comunicação importante dentro da rede, tanto por seus aparatos tecnológicos (chat, aplicativos, armazenamento de dados, fotos, mensagens, etc.), quanto pelo número de usuários conectados ao site. Ao todo mais de um bilhão e meio de pessoas usam a rede social no mundo, segundo dados³ da própria rede divulgados no final do último semestre de 2013.

Deste modo, o conceito de conversação discutido por Raquel Recuero, discute as redes sociais como um canal onde as interações sociais se estabelecem e por onde as relações se firmam. Assim, várias pessoas que compartilhavam do mesmo sentimento de insatisfação frente às ações de lideranças políticas no país se organizaram e conseguiram levar para as ruas suas reivindicações que começaram dentro da rede, a partir de discussões em fóruns e grupos no Facebook. Segundo Recuero, está é “a capacidade do ciberespaço de proporcionar um ambiente de interação e de construção de laços sociais”. (RECUERO, 2010).

³ Dados disponíveis em:

https://www.facebook.com/advertising/?campaign_id=264263327005748&placement=tad&extra_1=not-admgr-user&extra_2=AdvertisingMenu%3AADVERTISE_ON_FB

Em junho de 2013 uma série de protestos invadiu as ruas do país onde milhares de pessoas se reuniram em um único propósito: reivindicar melhorias em diversos âmbitos da vida social de modo mais abrangente, com múltiplas pautas reivindicatórias. As manifestações tiveram foco na mídia tradicional e nas mídias alternativas, mas foi nas redes sociais onde essas reivindicações ganharam proporções gigantescas. Partindo dessa premissa este trabalho visa analisar o impacto dos protestos a partir da organização dos indivíduos e da interação comunicacional dentro da *fanpage* “Passe Livre São Paulo”⁴ no Facebook no período de 15 a 21 de Junho de 2013. Para isso, este trabalho será dividido em dois momentos: no primeiro tópico vamos discutir as potencialidades dos grupos e os conceitos de redes sociais e comunicação mediada pelo computador de Raquel Recuero, buscando entender de que forma os indivíduos se organizam e interagem entre si dentro da rede. No segundo momento, buscaremos compreender as redes sociais como um canal de discussão para o ciberativismo através do conceito de ciberdemocracia na visão de Wilson Gomes. Neste tópico falaremos sobre o ativismo, sobre as redes sociais e a usabilidade do Facebook enquanto ferramenta de organização social e difusão de ideias. Ainda, discute-se também sobre as diferenças entre a mídia tradicional e uma mídia alternativa que dinamizou-se dentro das redes sociais mediante aos protestos.

⁴ <https://www.facebook.com/passelivresp?ref=ts&fref=ts>

2. Perfis identitários e as apropriações de fala

Os processos comunicacionais vêm sofrendo grandes revoluções ao longo do tempo com a apropriação de novas técnicas usadas pelo homem que facilitam na interação entre os sujeitos e na compreensão da fala. Para muitos a maior revolução desses processos comunicacionais se deu com a popularização da internet e a criação de um novo espaço onde a 'fala' torna-se acessível a todos, independentemente da condição cultural e econômica dos indivíduos. Diferente do que pensava o filósofo Pierre Lévy em 2001, o processo de inclusão no ciberespaço não ocorre mais de forma lenta e gradual porque agora o ambiente web faz parte dos indivíduos. Conforme o filósofo a internet gera novas formas de conhecimento sendo "a descoberta da liberdade do ponto de vista social".

Tomando como base as discussões de Lévy, ambiente on line tende a propiciar conversação, além de permitir a interação social dos sujeitos criando laços, memórias coletivas e firmando relações independentes da ligação espaço-tempo-territorialidade.

Hoje, cada vez mais, a sociabilidade vai passar por esses laços sociais, cuja base não é mais de alçada territorial, mas que cada vez mais são da alçada dos processos de inteligência coletiva, processos de intercâmbio de conhecimento, processos de imaginação coletiva. (LÉVY, 2001, Roda Viva).

As redes sociais fazem parte dos elementos que constituem o espaço virtual de conversação e são ferramentas que possibilitam a comunicação mediada pelo computador. Para Recuero, a CMC (comunicação mediada pelo computador) não difere das formas de comunicação convencionais, uma vez que a interação entre os sujeitos é estabelecida independentemente dos aparatos tecnológicos utilizados, de forma que a CMC "é também um produto social. Essas redes conectam não apenas computadores, mas pessoas". (RECUERO, 2009, p.17).

Conforme Lévy (2001), cada sujeito é livre para criar e fazer parte de grupos de acordo com seus gostos e vontades dentro do ciberespaço. Já Leonardi e Antoun entendem esses grupos como espaços dinâmicos de troca de informações constituídos por atores e conexões. "Esses espaços de convivência são também lugares de fala onde se representam os valores do perfil identitário de quem os encabeça". (LEONARDI E ANTOUN, 2012, p.1-12).

Diante do que já foi discutido, compreende-se que as redes sociais permitem que os indivíduos se comuniquem e se façam presentes dentro do ciberespaço. A criação de perfis,

fanpages, grupos e comunidades são um meio de garantir o direito de ‘fala’ pelos agentes de interação. Contudo, a apropriação das redes e do ciberespaço por estes sujeitos tem garantido a eles mais ‘voz ativa’ frente à sociedade.

Essas apropriações funcionam como uma presença do “eu” no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público. Essa individualização dessa expressão, de alguém “que fala” através desse espaço é que permite que as redes sociais sejam expressas na Internet. (RECUERO, 2009, p. 27).

O conceito de “Conversação em Rede” de Raquel Recuero, explica que por conta de algumas características das redes sociais a permanência das interações se acentua e assim a reprodutibilidade ganha destaque, além da maior buscabilidade de novos conteúdos por parte dos atores sociais. Tal fato acontece porque em redes sociais, cujo foco são as conexões e as interações sociais, como o caso do Facebook, a adição de pessoas é um aspecto crescente, ou seja, a todo momento novos usuários se conectam ao site e, de acordo com a autora, essa crescente aproxima os indivíduos e criam um vínculo entre eles independentemente de se conhecerem ou não. “A conversação é maior, há mais participação e mais abrangência”. (RECUERO, 2012).

Em virtude dessa movimentação, a difusão e a repercussão de conteúdos que caem na rede ganham proporções inimagináveis e não se sabe em quantas pessoas um simples comentário pode chegar. “Não sabemos quem são mais os receptores, uma vez que a mensagem publicada pode ser republicada, comentada e com isso, migrar para pontos distantes da rede” (RECUERO, 2012).

Neste contexto, a participação e a organização discursiva dos indivíduos dentro do ciberespaço vêm alterando significativamente o modo de produção e disseminação de conteúdo perante a sociedade atual. Ditando novos parâmetros culturais, seja no âmbito pessoal, organizacional ou institucional, as redes sociais potencializam os hábitos de leitura, de busca e produção de informações, consumo, além de novas formas de sociabilidade e interação entre os indivíduos. Por seu caráter interativo, instantâneo e dinâmico, o ambiente on line dá possibilidade para que os agentes sociais troquem informações de modo muitas vezes intensivo, participem e debatam de assuntos culturais, econômicos e políticos, configurando em um canal aberto para a prática da democracia no universo virtual ou ciberdemocracia (GOMES, 2005).

3. Ciberativismo: a mediação das mídias sociais

“A democracia constitucional tem como seu fundamento a ideia de soberania popular. Da premissa, passa-se à promessa: a opinião do povo deve prevalecer na condução dos negócios de concernência comum, a vontade pública deve ser servida nas decisões que afetam a coisa pública”. (GOMES, 2005).

Entende-se democracia como sendo a soberania popular, ou seja, a vontade do povo sobre as principais decisões políticas da esfera pública, como afirma Wilson Gomes (2005). Partindo desse pressuposto, deve-se pensar no conceito de democracia reconfigurado às novas bases de interações sociais decorrentes da internet. A ciberdemocracia usa o conceito de democracia de antes em um universo novo, onde há uma explosão da ‘liberdade de expressão’ somada a uma comunicação mais transparente e universal.

Para quem tem acesso a um computador e capital cultural para empregá-lo no interior do jogo democrático, a internet é um recurso valioso para a participação política... [a internet] pode assegurar aos interessados em participar do jogo democrático dois de seus requisitos fundamentais: informação política atualizada e oportunidade de interação [...]. (GOMES, 2005, p. 7).

Imerso na web, as pessoas veem uma maior facilidade para opinar, discutir assuntos políticos ou causas sociais e econômicas. De acordo com Regiane Garcêz (2013), esse espaço de discussão é uma ferramenta importante para esses sujeitos porque no ciberespaço há uma oportunidade para debater qualquer tema de esfera pública e há também a possibilidade de adesão de outros sujeitos que defendem a causa, ou simplesmente “porque permite a mobilização via redes digitais”.

Antes da explosão da internet e da “criação” do ciberespaço, os sindicatos, partidos políticos e movimentos estudantis eram os canais mais “acessíveis” de por os cidadãos em contato com a esfera política da sociedade no país. Os sujeitos só tinham voz, autonomia e legitimidade para tratar de assuntos referentes à esfera pública quando eram ligados a esses grupos que detinham o “conhecimento” das causas sociais. Longe disso, apenas a imprensa era o elo entre os cidadãos comuns e as autoridades que estavam no poder, divulgando as ações de governo e o que afetava a esfera pública.

Na contemporaneidade, a imprensa não é mais o único elo entre o Estado e o povo, uma vez que dentro da rede todos tem acesso a dados e informações que antes eram privilégios de poucos. Nesse sentido, acaba-se a relação de domínio dos meios de comunicação e as ditaduras dos movimentos e partidos políticos sobre seus membros, pois agora, em detrimento das ágoras modernas, os sujeitos também são colaboradores e dividem a responsabilidade de manter conteúdos dentro do ciberespaço; além disso, eles podem atuar de forma isolada na ciberdemocracia.

Se antes a sociedade civil era muito mais espaço para a atuação de grupos organizados, movimentos sociais, configurando o que se chama de sociedade civil organizada, agora, com a internet, parece haver muito mais espaço para a ação do indivíduo. Ainda que haja espaço para a atuação de grupos e movimentos organizados na internet, o que tem de novo é a abertura de um espaço para a ação de indivíduos que podem pertencer ou não a movimentos. (PINHO, ABREU e WINKLER, 2013, p.356).

As comunidades e grupos virtuais independem da noção de espaço, de tempo e de territorialidade, ou seja, mesmo estando “longe” fisicamente, podemos estar presentes no mesmo espaço e ambiente virtual debatendo sobre qualquer assunto, de qualquer lugar, com qualquer pessoa. Nesse instante, vive-se a cultura do diálogo democrático virtual onde as informações são livres e as trocas de experiências também. No universo ciberdemocrático não há favorecimento, todos podem expressar seu ponto de vista e tal prática pode facilitar a formação de opiniões individuais.

De acordo com Fábio Malini e Henrique Antoun (2013) esta é uma cultura de colaboração ainda em formação onde os atores sociais apropriam-se dos aparatos tecnológicos como ferramentas de libertação, emancipação e defesa de direitos. “A participação e o compartilhamento se revelam os novos fundamentos para a construção de uma mundialização ativa e afirmativa das singularidades de sua vasta multidão”. (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 57). Ainda segundo os autores, o ciberativismo potencializa as práticas de comunicação e organização dos indivíduos com base na atuação social, sendo as redes “uma forma própria de poder constituinte através do qual uma multidão inteligente armada pela comunicação distribuída em redes interativas estaria conquistando sua emancipação social”.

4. O papel das mídias sociais

As redes sociais estão presentes no dia-a-dia dos indivíduos e estes tem se aproveitado cada vez mais desse tipo de mídia para expressar opiniões. O Facebook no Brasil tornou-se praticamente uma vitrine de opiniões de movimentos sindicais, partidos políticos e de pessoas comuns que se apropriam das redes sociais para diversas finalidades.

O tempo presente e a construção dos laços fracos através das relações banais da vida cotidiana marcam a socialidade ou o que André Lemos chama de ciber-socialidade sendo a relação dialógica das novas tecnologias e da vida social, de forma que os atores sociais usam os perfis, páginas, comunidades, fóruns e grupos como ferramentas de expressão do pensamento na rede social porque essas mídias instigam os indivíduos a falar sobre suas insatisfações e opinar sobre a economia política do país, reinventando, no âmbito da comunicação, os processos de participação e servindo de inspiração a outrem. Conforme discussão levantada por Marcus Lima (2013) empreende-se que as redes sociais são ferramentas tecnológicas que servem como um canal de expressão dos ativistas, além de serem também ferramentas de divulgação. Segundo o autor, elas estão mudando a forma como os ciberativistas podem iniciar uma revolução.

Essas redes também estão contribuindo para o modo com os movimentos são organizados, ou seja, elas estão definindo um novo modo de como os ativistas se aproximam desses movimentos, ao darem poder a um coletivo de pessoas de levar adiante suas tarefas como ativistas de uma maneira historicamente diferente da que sempre foi, quando as comparamos às formas tradicionais de ativismo, dominadas por organizações centralizadas”. (KESSLER, 2012, p.213 *apud* LIMA, 2013, p. 289).

Garcêz (2013) compartilha do pensamento quando diz que as redes sociais “podem se transformar em importantes espaços de discussão política e de desvelamento de causas sociais”. A este princípio acrescenta-se que as redes sociais – em especial o Facebook – são uma ferramenta importantíssima para o recrutamento de novos ativistas sociais por causa da facilidade de reprodução do conteúdo através dos compartilhamentos e pelo baixo custo – ou nenhum – que essa prática traz.

Um das formas mais comum desse recrutamento de novos ativistas que podemos perceber são as petições online em prol de alguma causa: “Assine aqui para acabar com os maus-tratos aos animais”; “Assine aqui se você é a favor da condenação dos políticos envolvidos no esquema do Mensalão”; “Assine aqui para acabar com a corrupção”; etc. Esse

tipo de ativismo possui um número tão grande de assinaturas eletrônicas e adesão à causa, quanto de compartilhamentos no Facebook facilitando o ciberativismo dentro da rede social. O que não deixa de se destacar é que com a mesma facilidade que a internet proporciona a liberdade de ação dos indivíduos e coloca um assunto na mira do povo, ela também os tira. A velocidade da informação acentua-se de tal modo na internet que um tema considerado relevante acaba perdendo espaço na rede mediante ao surgimento de outro tema mais relevante que o anterior em poucas horas.

Com base em discussões do sociólogo Zygmunt Bauman (2001) entende-se que a velocidade com que tudo acontece acaba por tirar o foco de temas muito relevantes. Essa urgência de informações faz com que novas causas surjam; com que outros assuntos entrem em foco e acaba por não permitir que as pessoas se aprofundem em nada, mesmo com os infinitos hiperlinks que a internet possibilita aos seus usuários, as pessoas “agem por agir” ou do “agem pelo calor momento”. Para Marcus Lima (2013) “as mídias sociais maximizam o impacto dos ativistas casuais ao permitirem que eles participem mais facilmente de atividades de ativismo tais como comunicação, ações coletivas e recrutamento”.

Ainda de acordo com as discussões levantadas por ele, apesar de muitos desses engajamentos em objetos do ativismo serem superficiais, acredita-se que o envolvimento constante dos sujeitos em práticas ativistas – mesmo sem muito aprofundamento – pode contribuir de forma significativa a ponto de mudar as questões sociais ao qual reivindicam e até mesmo tornar real a defesa e a luta por esses ideais, além de legitimar o ciberativismo como sendo eficiente.

Vários estudiosos afirmam que a imprensa perdeu parte do seu poder e também não é o único elo entre a comunidade e o estado em virtude das novas bases da comunicação reconfiguradas mediante ao surgimento da internet. Conforme Lévy (2001) a imprensa continua sendo uma formadora de opiniões, mas com o surgimento desse ciberespaço, com as redes sociais e com a participação dos indivíduos no processo de produção de conteúdos, a mídia tradicional perdeu um tanto da sua credibilidade diante da onda de protestos que invadiram o Brasil nos meses de junho e julho de 2013. “Quando há muitas comunicações transversais numa sociedade, quando a informação circula facilmente e sabemos o que ocorre fora, a mente não pode mais ser controlada por uma ditadura totalitária”. (LÉVY, 2001, Roda Viva).

Malini e Antoun (2013) veem a colaboração dos atores sociais na rede como a libertação do processo de emissão que fragmenta a atenção dos meios de comunicação e, em consequência, a sua audiência. Além disso, a participação dos sujeitos e o compartilhamento nas mídias sociais desprende o fato de ser tomado exclusivamente por uma única versão.

A facilidade de produção e a velocidade de circulação da informação que estão disponíveis ao cidadão recompõem o jogo de forças no âmbito contemporâneo midiático. Isso por dois aspectos fundamentais: a atenção aos meios, tendencialmente, se fragmenta, pois as pessoas dividem o seu tempo entre ler notícia em um jornal e vê-la no YouTube, lista de discussões, *blogs* e outras mídias sociais; e o fato noticioso não fica preso à versão única do fato, agora, este é objeto de um intenso diálogo público nas listas de discussão, de uma crítica nos *blogs* ou mesmo é remixado em *sites online*, como o YouTube. (MALINI E ANTOUN, 2013, p. 113).

Neste contexto, emerge o movimento do Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação),⁵ que emergiu nas redes sociais e se auto intitulam como um “jornalismo independente, sem corte e sem filtro” parcialmente livre de edições e sem uma linha editorial definida. A Mídia Ninja foi responsável por fazer a cobertura dos protestos, a partir de relatos e experiências dos próprios manifestantes, durante os atos que aconteceram em junho e julho e acabou recrutando milhares de pessoas a participar dos protestos.

O crescimento dessa mídia dentro da rede social permitiu que os atores sociais pudessem divulgar suas ações em tempo real, sob o ponto de vista dos manifestantes, considerada uma arma, tendo o ‘discurso livre’ como uma poderosa munição.

⁵ <https://www.facebook.com/midiaNINJA?ref=ts&fref=ts>

5. Pressuposto Metodológico

Conhecer os aspectos da vida social é um trabalho que requer aprofundamento e conhecimento de causa para qualquer pesquisador. Para entender e interpretar os hábitos da vida atual se faz necessário conhecer a história do universo estudado e a reunião de dados e documentos que traduzam a comunicação das massas dentro desse universo é eficiente nessa perspectiva. Conforme Antonio Carlos Gil (1999) os documentos de comunicação de massa possuem valor significativo em pesquisas científicas, porém não foram elaborados para essa finalidade o que demanda certo cuidado do pesquisador.

Um dos métodos empíricos mais comuns na averiguação desses dados é a análise de conteúdo. Para Bardin (2009) a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição (quantitativa ou não) do conteúdo das mensagens”. Segundo a autora, essas técnicas buscam interpretar os processos de produção e recepção das mensagens através da inferência obtida pela descrição dos dados. As comunicações de massa possuem um campo vasto de possibilidades e para estudá-las é necessário à delimitação desse universo, para isso, o pesquisador utiliza-se das técnicas de análise do conteúdo configuradas em três categorias: pré-análise; exploração do material; e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise consiste na escolha dos documentos a partir de uma leitura flutuante, ela é também a formulação das hipóteses e dos objetivos que fundamentam a interpretação final. Já a exploração do material consiste na execução das decisões tomadas no momento da pré-análise. Os resultados, por sua vez, propõem as inferências e interpretações a propósito dos objetivos previstos (Bardin, 2009). Este trabalho analisa o conteúdo das redes sociais buscando, através desses processos, compreender a produção/recepção das mensagens.

As manifestações em prol da revogação no aumento das passagens se iniciaram no começo de Junho de 2013 em várias capitais do país e foram marcadas pelos grandes conflitos que ocorreram entre os manifestantes e a força militar atraindo a atenção da mídia e da sociedade em geral. Entre os dias 15 e 21 do mesmo mês, os protestos adquiriram caráter nacional com a adesão de milhares de pessoas às reivindicações e resultando protestos em mais de 230 cidades do Brasil. Este trabalho analisou a página do movimento “Passe Livre São Paulo” no Facebook entre os dias 15 e 21 de Junho, para entender o impacto dos protestos na rua a partir da organização e da interação dos indivíduos dentro da página. A página do movimento Passe Livre de São Paulo foi escolhida por ser uma das redes desencadeadoras do

movimento que se tornou também referência no surgimento de outras páginas do gênero tendo 294 mil seguidores e a análise neste período se deu pela grande repercussão dos protestos durante esses dias.

O Facebook é uma rede social com base na interação entre atores que possibilita a construção de perfis identitários e a concepção de novas conexões entre esses perfis, viabilizando o surgimento de grupos sociais pertencentes a vários contextos dentro da rede. É oportuno analisar as redes sociais porque elas possuem uma estrutura dinâmica que estão em constante movimento e evolução (Fragoso, Recuero e Amaral, 2011). Além disso, a heterogeneidade dos atores dentro da rede possibilita uma compreensão geral acerca de como funcionam essas conexões, realizando dessa forma, um estudo qualitativo das relações nessa rede social.

De acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (2011) nenhuma rede possui fronteiras delimitadas para métodos de pesquisas na internet sendo obrigação do pesquisador defini-las. Diante disso, este trabalho considerou a página do movimento PLSP (Passe Livre São Paulo) como sendo uma rede e as conexões foram interpretadas como sendo o número de “curtidas”, “comentários” e “compartilhamentos” de atores sociais em relação às postagens da *Page*. De acordo com as autoras essas conexões possibilitam as relações entre os perfis e podem gerar a construção de laços sociais considerados fortes ou fracos e também de capital social que trata do conjunto de valores criado por um grupo social:

Os laços fortes conectam indivíduos que dividem a intimidade, grupos sociais próximos e amizades. Já os laços fracos, por outro lado, conectam ‘conhecidos’, ou atores cujas relações sociais focam menos intimidade e o aprofundamento... [*entretanto*]... para que se estude o capital social dessas redes é preciso estudar não apenas suas relações, mas igualmente, o conteúdo das mensagens que são trocadas através delas. (FRAGOSO, RECUEIRO e AMARAL, 2011, p. 123).

A partir de uma leitura flutuante os conteúdos da página analisados foram divididos em três categorias: notas, convocações e divulgações. Em notas, consideraram-se alguns relatos dos protestos, comentários opinativos dos administradores da página e informes explicativos sobre as ações e o movimento. As convocações (convite aos protestos) são publicações compostas de elementos textuais, gráficos e ilustrativos, assim como as divulgações (ações dos manifestantes divulgadas na rede) que também contam com o apoio de links e vídeos.

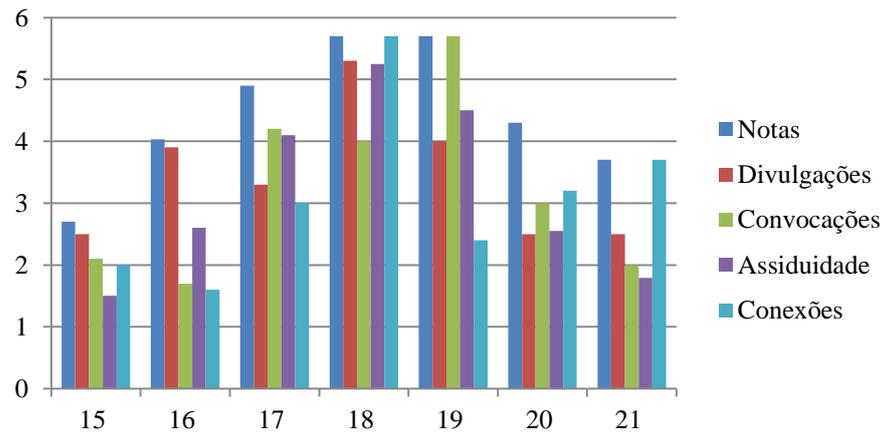
No período de análise houve 52 postagens levando em conta as três categorias definidas (notas, convocações e divulgações). Deste total o trabalho ateou-se apenas a três publicações com maior número de conexões entre os atores, onde foram verificados o conteúdo dos comentários, bem como a quantidade de vezes que os indivíduos comentaram na mesma postagem gerando um diálogo que possibilita a construção desses laços ou não. Conforme Fragoso, Recuero e Amaral (2011) “esses comentários e a sua frequência são capazes de revelar laços sociais e tornar perceptível o capital social entre os nós”.

6. Resultados da análise

Durante o período de análise houve uma variação do tipo de conteúdo postado na página mediante as categorias pré-estabelecidas anteriormente, assim como uma maior assiduidade nas publicações em determinado momento. Conforme observação, as categorias: notas e divulgações tiveram destaque do dia 15 ao dia 17 quando, de acordo com o contexto, as manifestações começaram a se tornar populares ganhando a simpatia da sociedade. Entre os dias 17 e 19 as convocações foram elevadas nas publicações marcando o ápice do movimento com a adesão de milhares de pessoas, o que culminou no protesto da quinta-feira (20), a maior manifestação da jornada de junho, estendendo-se por todo país. Nos dias 20 e 21 a atividade da página voltou-se basicamente a pequenas notas face às conquistas dos manifestantes com os atos anteriores diminuindo um pouco do ritmo de atuação da rede.

As variações em relação ao tipo das postagens na página do PLSP indicaram também um aumento no número de conexões dos atores sociais na medida em que crescia o movimento e aceitação da sociedade. De acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (2011) esta seria a confiança: uma das lógicas do capital social. “A confiança no ambiente é o capital social relacionado ao comportamento do indivíduo em um grupo e dos elementos do grupo que podem auxiliar o indivíduo no ambiente da rede”. (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 136).

O gráfico ilustra a atividade da página de acordo com as categorias das postagens (notas, divulgações, convocações), a assiduidade dos posts e o número de conexões estabelecidas durante os dias analisados:



No gráfico a cor azul escuro indica o ápice das publicações na categoria ‘notas’ no quarto e quinto dias. Já as postagens de divulgações foram representadas pela cor vermelha com destaque no dia 18. As convocações, descritas na cor verde, oscilaram durante o período de análise atingindo o nível mais alto no quinto dia. O gráfico aponta também a assiduidade das publicações apresentadas na cor roxa, com variação crescente e decrescente ao longo do período. Por último e na cor verde, o número de conexões estabelecidas na página sofreu uma queda após o quarto dia, voltando a subir no dia 20.

As publicações de notas e convocações foram as que apresentaram o maior número de conexões durante todo o período. Em ordem crescente e cronológica e pela soma total das conexões – considerando o número de curtidas, comentários e compartilhamentos – a menor das interações, obteve um total de 19.170 conexões no dia 17 de junho de 2013. Na lógica do capital social e da confiança depositada no ambiente para a interação, o dia 18 de junho obteve a maior pontuação no número de conexões, totalizando 23.479 interações dentro do post. Já no dia 21 interações regrediram atingindo a marca de 21.789 conexões.



Figura 2- Post com maior número de conexões do período analisado (Reprodução do Facebook)

Durante as análises constatou-se a presença de diálogos e a construção de laços sociais nos comentários através de:

- I) Perguntas feitas por esses perfis e das respostas a questionamentos de outros atores;
- II) Opiniões dos perfis identitários;
- III) Sugestões de melhorias durante os atos.



Figura 3 - Diálogo nas publicações da página (Reprodução do Facebook)

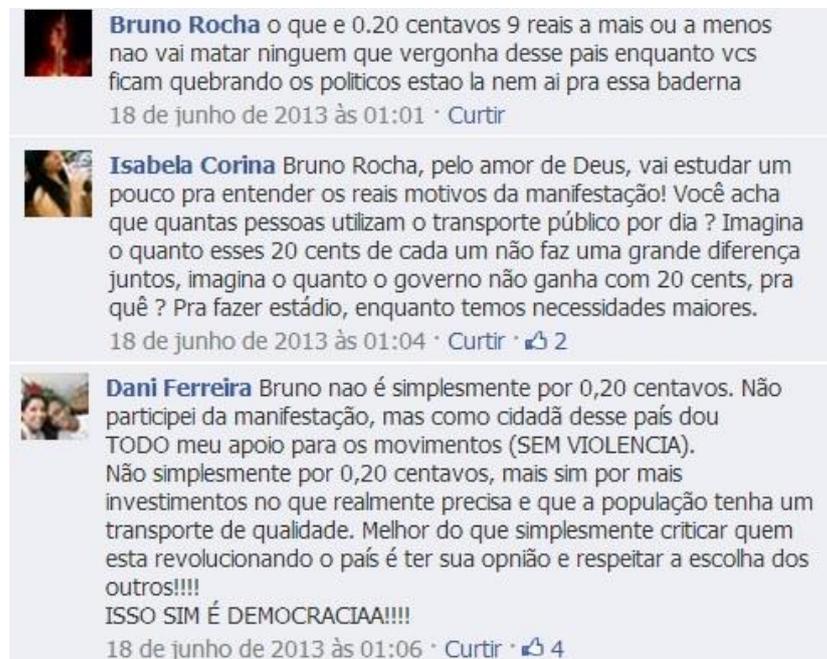


Figura 4- Opiniões dos perfis e atividade de interação (Reprodução do Facebook)

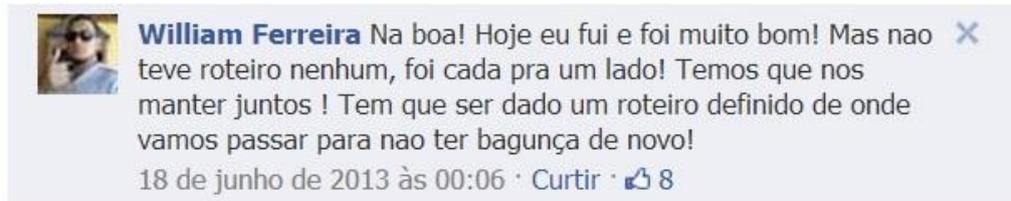


Figura 5 - Sugestões de organização nos atos do protesto (Reprodução do Facebook)

Observou-se também várias conexões de um mesmo perfil nas postagens, considerando a discussão de tempo-espaço-territorialidade como ilustra a figura:

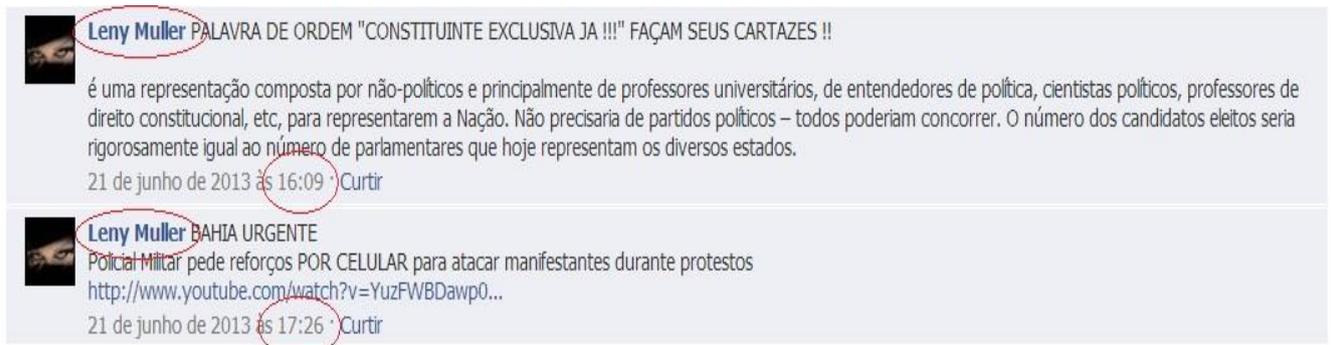


Figura 6 - Vários comentários de um mesmo perfil na publicação (Reprodução do Facebook)

Mensurar as interações sociais na internet implica em fazer uma análise cujo objetivo não é apenas verificar quantitativamente de que forma essas conexões acontecem. Em estudos como este há uma necessidade de analisar também o conteúdo das interações sociais através dos comentários e do grau de participação dos atores, buscando entender como funciona a estrutura e a dinâmica da rede, além da lógica em que se baseiam as relações humanas e sociais.

Considerações Finais

O ambiente web potencializou as práticas comunicacionais e interativas dos indivíduos e nesse ambiente virtual as redes sociais possibilitam a construção de laços sociais que através da comunicação mediada pelo computador, podem fortificar e intensificar os laços sociais, muitas vezes, construídos por meio das mídias sociais aos quais Recuero chama de laços fracos que se baseiam no imediatismo do cotidiano. Portanto, a análise mostrou que estas redes acentuam as interações e garantem destaque e reprodutibilidade a conversações estabelecidas nesses ambientes virtuais. De acordo com os resultados apresentados constatou-se que há uma grande interação dentro da *fanpage* PLSP onde foi possível perceber a

construção do capital social através da exposição das opiniões, gostos e vontades dos atores sociais; além da organização discursiva efetiva dos seguidores da página.

O estudo confirmou também que através dessa interação e organização social foi possível a articulação dos protestos dentro da página e a transposição deles para às ruas do Brasil. Do ponto de vista metodológico a análise de conteúdo possibilitou as inferências obtidas nos resultados da análise da página e permitiu a compreensão geral das relações estabelecidas através das redes sociais a que propôs a pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANTOUN, H.; LEONARDI, E.. *A agonística entre dispositivo de visibilidade e modos de subjetivação no blog da Galera de Capricho*. Culturas Midiáticas, v. 5, p. 1-12, 2012.
- ANTOUN, H.; MALINI, F.. *Ontologia da liberdade na rede: a guerra das narrativas na internet e a luta social na democracia*. Revista Famecos. Porto Alegre. v.17, n.3, p.286-294, 2010.
- ÁVILA, Marcos. *Mídias alternativas VS Mídias tradicionais: as manifestações de junho de 2013*. In: II Colóquio Semiótica das Mídias (ISSN: 2317-9147), 2013. Japaratinga – Alagoas. Disponível em: http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm2/CSM2_MarcosRecheAvila.pdf. Acesso em: 23 Jan. 2014.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Ed. 5. Brasil, Edições 70, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Fronteiras do Pensamento*. Inglaterra. Youtube. 10 Ago. 2011. Entrevista a Fernando Schüller e Mário Mazzilli. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A&hd=1>. Acesso em: 13 Fev. 2014.
- FELICE, Massimo di. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura. Bahia. v.. 11, n. 2, p. 267-283, 2013. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/8235/6497>. Acesso em: 17 Dez. 2013.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A.. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre, Sulina, 2011.
- GARCÊZ, Regiane. *A representação política dos oprimidos nas redes sociais online: quem fala em nome de quem e com que legitimidade?*. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura. Bahia. vol. 11, no 2, p. 304-321, 2013. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6470/6492>. Acesso em: 13 Dez. 2013.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Ed. 5. São Paulo, Atlas, 1999.
- LÉVY, Pierre. Roda Viva. 08 Jan. 2001. TV Cultura. Entrevista a Paulo Markun. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/47/>. Acesso em: 05 Fev. 2014.
- LIMA, Marcus. *Celebridades e Ativismo: a voz dos famosos em defesa do casamento igualitário*. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura. Bahia. v.. 11, n. 2, p. 284-301, 2013. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/8302/6498>. Acesso: 14 Dez. 2013.
- MALINI, F.; ANTOUN, H.. *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre, Sulina, 2013.
- MORAES, Roque. *Análise de conteúdo*. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html. Acesso em: 16 Fev. 2014.

PINHO, J.; ABREU, J.; WINKLER, I. *Categorizando a política e a internet no Brasil: uma investigação com um grupo de estudantes universitários*. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura. Bahia. vol. 11, no 2, p. 348-373, 2013. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/9075/6491>. Acesso: 13 Dez. 2013.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre, Sulina, 2009. Disponível em <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redessociaisnainternetrecuero.pdf>. Acesso em: 25 Jan. 2014.

_____. *O "Dark Side" da Mídia Social: Colisão de Contextos no Facebook*. Disponível em <http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/2012/07/o-dark-side-da-midia-social-colisao-de-contextos-no-facebook.html>. Acesso em: 13 Fev. 2014.

_____. *Estudos de redes sociais na internet*. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2008/05/estudos-de-rede.html>. Acesso: 13 Fev. 2014.

_____. *Uma reflexão sobre redes sociais online e off-line*. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2009/07/uma-reflexao-so.html>. Acesso em: 20 Jan. 2014.

SIMÕES, Isabella. *A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação*. Revista Eletrônica Temática. João Pessoa. Ano V, n. 05 – Maio/2009. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2009/Maio/sociedade_ciberespa%C3%A7o_Isabella.pdf. Acesso em: 07 Fev. 2014.